VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

# CRÍTICA DA MODERNIDADE A PARTIR DA OBRA *MADONA DOS PÁRAMOS* DE GUILHERME DICKE

Juliana Gaspar da Silva*
Thaís Leão Vieira (Orientador)**



O trabalho intitulado *Crítica da Modernidade a partir da obra Madona dos Páramos* tem como proposta analisar a representação da sociedade mato-grossense no momento da chegada da modernização e as consequentes transformações, tendo como fonte e perspectiva a literatura de Guilherme Dicke. Pretende-se neste trabalho conhecer a crítica que o autor faz sobre a modernidade no Mato Grosso, a partir de como isto reflete no homem sertanejo.

Partindo do conceito de Marshall Berman no livro *Tudo que é sólido se desmancha no ar* de que ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura e transformação, mas simultaneamente ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos e somos, discutiremos através da literatura de Ricardo Guilherme Dicke,

---

* Juliana Gaspar da Silva é graduanda no curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso, no *campus* Universitário de Rondonópolis, e-mail para contato: julianagga@hotmail.com.

** Thaís Leão Vieira possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia(2003) , mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia(2005) e doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia(2011). É professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso atua nas seguintes linhas de pesquisa: Cultura & Diversidade, Política & Sexualidade; Ensino de História: arte, cultura e identidade; Estudos sobre arte, história e sociedade; História e Cultura; História e Linguagens; História e Teatro; História Social da Cultura e da Arte.

ISBN: 978-85-98711-10-2

as relações de poder, os conflitos existentes entre o "local e o estrangeiro", "o tradicional e o moderno" no contexto fomentado pelos projetos desenvolvimentistas para região centro-oeste e norte que intensificaram a migração para estas regiões a partir da década de 1960.

Inicialmente o trabalho apresentado partiu da leitura da obra *Intervalo: a Lógica Histórica*, de Edward Thompson, um método de investigação adequado a materiais históricos para testar hipóteses quanto à estrutura, causação, e a eliminar procedimentos auto-confirmadores.

No livro *Literatura e Sociedade*, de Antônio Candido [1] afirma que não devemos excluir a dimensão social que a Literatura apresenta, pois mesmo sendo uma obra de ficção, de um discurso do que poderia ter acontecido, de personagens que não existiram, são personagens reais, na "verdade do simbólico", pois representam e recriam atitudes, comportamentos e desejos humanos.

Para Carlos Mendonça, a Literatura além de um fenômeno estético, é uma manifestação cultural, portanto uma forma de uma possibilidade de registro do movimento que realiza o homem na sua historicidade, seus anseios e suas visões do mundo, tem permitido ao historiador assumi-la como objeto de pesquisa.[2]



História local/regional deve partir de um estudo da relação entre o homem e o espaço habitado que o cerca, como afirma José Mattoso[3], isso é verificável tanto na literatura quanto na história que passou a se aproximar dos leitores a recriar o contexto brasileiro nas suas diversas singularidades.

É importante salientar, segundo Maria Arminda do Nascimento Arruda[4], a identidade regional enquanto dimensão de um imaginário social está em permanente construção. Analisar o imaginário a partir de contextos que modelam certos agentes

---

1 CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

2 MENDONÇA, Carlos Costa de; ALVES Gabriela Santos. **Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o diálogo entre a história e literatura.** p.3 Disponível em:< http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/index.php?view=article&catid=56%3Aartigosed4&id=115%3Adaalegriaedaangustiaed4&tmpl=component&print=1&page=&option=com_content&Itemid=77> Acesso em 01/05/2012.

3 MATTOSO, José. **A Escrita da História Teoria e Métodos.** Lisboa: Editorial Real Estampa, 1997, 212 p.

4 Maria Arminda do Nascimento Arruda é professora da Fundação Getúlio Vargas.

ISBN: 978-85-98711-10-2

sociais de questões que permanecem e de novas que se colocam. Em suma, a articulação dos poderes nestes espaços que se readaptam e se movem permitem novas interpretações a partir de uma mesma matriz.

O texto**,** antes de tudo, é um produto do trabalho humano. Segundo Luis Filipe Ribeiro[5], é testemunho do esforço de criação individual, dos condicionamentos sociais, econômicos, das dimensões culturais, dos conflitos éticos e das contradições políticas, que configuram o espaço em que foi gerado e publicado.

Ricardo Guilherme Dicke, referência na literatura mato-grossense, é um autor regionalista que segundo Gilvone Miguel, é o representante da literatura produzida no estado de Mato Grosso, privilegiando a identificação dos cenários, da cultura e do imaginário. "É regionalista porque permite perceber, em suas criações, a reconfiguração da força mítica que mobilizou a história de ocupação e desenvolvimento do estado, entrelaçando ficção e realidade histórica."[6]

História e Literatura não podem ser separadas de uma discussão. Roger Chartier faz uma abordagem especificamente histórica da literatura, não apresentando um discurso considerado apenas como natural, "mas busca a partir de discursos particulares, a possibilidade de reconstruir os sistemas de representação que os subentendem, como relação de usos/estruturas."[7]



A Literatura se constitui de uma fonte histórica importante para a compreensão da dinâmica sócio-cultural de uma determinada época. Nicolau Sevcenko[8] considera que o estudo da Literatura fornece uma forma diversa de análise do passado, pois permite os que estão excluídos da sociedade o direito de expressarem seus pensamentos e vontades.

---

5 Luis Filipe Ribeiro - ***Geometrias do Imaginário***. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000. Disponível em http://lfilipe.tripod.com/geometria/historia.html Acesso em 22/04/2.012.

6 MIGUEL, Gilvone. **Criação e imagem no romance de Ricardo Guilherme Dicke.** p.73 Disponível em: < http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/324.pdf> Acesso em 01/05/2012

7 CHARTIER Roger. **Debate literatura e história.** Rio de Janeiro, Topoi, nº 1. p. 209-210.

8 Nicolau Sevcenko é livre docente na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas autor da obra: SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

ISBN: 978-85-98711-10-2

O historiador, devido a dificuldade de reconstruir o passado em sua totalidade, precisa encontrar caminhos para representar as práticas sociais. Assim, o conceito de representação que utilizamos de Roger Chartier é a relação à noção de prática: uma representação provém de uma prática social, de um registro social concreto.

Ao estudar o regionalismo significa compreender que a sociedade brasileira não é unitária, mas sim plural com diversos tipos de sujeitos históricos em diferentes espaços. Segundo Cecília Marília Westphalen:

> A sociedade brasileira não foi a formação de uma sociedade unitária, indiferenciada, monolítica, monogenética, mas foi um conjunto de formações regionais que nasceram e se desenvolveram quase auto suficientemente, isoladas, com motivações diversas, e criaram estilos de vida diversos em regiões geográficas diversas. Cada uma dessas formações regionais que se constituíram pelo seu modo de povoamento, tem a sua própria história.[9]

Em *Madona dos Páramos* (1981) temos a história de doze presos que fogem da cadeia em busca da terra da Figueira-Mãe, onde não exista preconceitos. Dominada pela força mítica que sustenta a esperança e o desejo de alcançar um lugar de bem–estar e justiça, eles partem para o interior. Todavia, as personagens enfrentam desafios e dificuldades com as intempéries climáticas e geográficas e com as relações conflitantes entre as personagens da fazenda Batovi. Na fuga assaltam e incendeiam fazendas de donos estrangeiros como uma espécie de revolta pela exclusão do capitalismo.



Durante o percurso invadem fazendas em que acaba sequestrando uma jovem que será caracterizada mais tarde como a "Moça Sem Nome", suposta Madona dos Páramos. A Moça Sem Nome, que teve seus pais brutalmente assassinados, aos poucos transfigura na visão dos foragidos como santa e símbolo da sabedoria.

> Eu sou a moça sem nome, igual a ilusão do perfume que todos sentem profundamente, mas que se desfaz no ar e que jamais ninguém saberá sorver com a verdadeira ciência.[10]

A "Moça Sem Nome" seria o caminho para figueira mãe, considerada santa, intocável, pois acreditam que quem ousasse tocá-la morreria.

---

9 WESTPHALEN, Cecília Maria. **História Nacional, História Regional.** Curitiba: Estudos Brasileiros, 1977.p.30

10 DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos páramos.** Rio de Janeiro: Antares, 1982. p.172.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Lá na restinga de matas, atrás deles, na curva, vinham rumores de água. A moça se banhava, tinha tirado as roupas, jogando-a num montículo à beira do rio, e ficou assim, o sol dando ouro e fogo no seu corpo, inteiramente branca na beira da água, ouro e prata, sombra e luz, sem se importar com a proximidade deles. Urutu se levantou, passou demoradamente seus olhos macios sobre o grupo e foi para o mato sem dizer palavra. [...] Os homens olharam em volta, não viram ninguém nem nada impedindo nem proibindo em natural proibição, levantaram-se sem pedir permissão para ninguém como que comandados por uma idéia em conjunto e caminharam cuidadosamente para o forro das matas que abotoava a visão do rio e se entrincheiraram lá reunidos, a assistir, como Carlos e seus cavaleiros um torneio de beleza, como príncipe de alguma renascença.[11]

Os protagonistas principais da obra *Madona dos Páramos* são Babalão Nazareno (religioso, falso profeta) Lopes Mongo ("mulherengo", viril), Urutu (líder do bando, forte, saudável), Chico Inglaterra (homossexual) Bebiano Flor (romântico, poeta, simpático, mas cometeu vários crimes no passado), Melâneo Cajabi (sempre calado, todos os personagens acreditavam ser um coitado, mas na realidade era inteligente, dono de fazenda que acabou se perdendo na mata) José Gomes (justo, respeitador), Pedro Peba (autoritário e vingativo) e a Mulher Sem Nome (bonita e culta).



O romance *Madona dos Páramos* é conduzido pelo tempo cíclico, mítico "os personagens alimentam a imagem de um tempo ideal associado a imagem de um lugar ideal, enquadrando ambos no paradigma do novo começo, portanto, do ciclo, da renovação num paraíso no centro do sertão."[12] Assim, segundo Everton Barbosa o mito é a forma pela qual pensa o oprimido. É a maneira pela qual ele percebe e entende o conflito.

O próprio nome Figueira-Mãe expressa riqueza, conforme descreve Gilvone Miguel, o substantivo figueira resgatado do simbolismo bíblico, na parábola das figueiras, significa renovação natural dentro do ciclo temporal, cuja interpretação está relacionada ao tempo da morte terrena do homem. A palavra mãe resgata a ideia de *mater, matrix,* de abrigo, proteção.

---

11 Idem, p.154.

12 MACHADO, Madalena; MAQUÊA VERA orgs. Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes. In: MIGUEL, Gilvone Furtado. **Mito e ficção: a imagem do paraíso nos romances de Ricardo Guilherme Dicke.** Cáceres -MT: editora Unemat, 2009. p.140.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Entre meados do século XIX, Mato Grosso era visto como uma região de imensas riquezas naturais, no entanto eram insuficientes para promover o desenvolvimento da província. Por muito tempo considerou-se que as razões de pouco desenvolvimento derivam da grande distância do litoral, da pouca atenção que o Governo Central lhe dava e da falta de "espírito empreendedor".

Todavia, a tese de que o isolamento seria o motivo de atraso vivido pela província, foi criticada pela historiografia recente, pois como afirma Alcir Lenharo o isolamento não ocorreu de forma absoluta e exclusiva, sendo que esta interpretação há mais "mitos" que "fatos", apenas simplifica e bloqueia a possibilidade de questionamento. Há diversas razões específicas que impossibilitaram o "progresso" de chegar mais cedo, sendo que a tese do isolamento não responde todas as indagações.

As dificuldades geográficas de acesso foram um dos elementos para o atraso no desenvolvimento de Mato Grosso. Ainda hoje a imagem mais marcante na representação do Estado de Mato Grosso está associada a riqueza de suas terras, fertilidade, Eldorado. Tal ideia foi atrelada aos discursos projetos das políticas de colonização e ocupação do Centro-Oeste e da Amazônia, nas décadas de 1960 e 1970.



A representação do sertão não é tratado como um espaço de barbárie e violência que precisa ser conquistado, ocupado e civilizado, pois só reforça a visão eurocêntrica. Guilherme Dicke transforma o sertão em espaço do mistério e do reencontro com o homem interior, espiritual que tem enraizamentos em forças ancestrais; o sertão de Guilherme Dicke é criado pelo poder da linguagem literária, é concebido segundo Gilvone Miguel, como um lugar específico, onde somente aqueles homens podem resistir a este espaço.

Para os doze foragidos não sabiam ao certo como era a "Terra da Figueira Mãe", somente sabiam e acreditavam que lá poderiam ser felizes

> Diz que é cidade, quem vai saber, dizem até país, dizem, entretanto somente Casa da Figueira-Mãe, que deve ser palácio e igreja, sé e catedral, já pois que o homem é padre-bispo romano, tem nos aceitado fregueses acoitados sua paróquia, e esta nos aquéns destas ribas, nas propaladas faladas e famosas Serras dos Martírios, nas lonjuras de Deus e é para lá que me vou bem confiado, que toda lenda que corre demais é verdade no fundo.[13]

13 DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos Páramos.** Rio de Janeiro: Antares, 1982.p.17.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Os personagens já tinham como referência a serra como a "Terra de Figueira Mãe", um paraíso a ser conquistado, mas só alcançam este lugar quem vence todos os desafios que a Serra dos Martírios impõe

> Estivéramos na direção dela, é entre as serras, nem se vira ainda nos horizontes, ficara muito longe, muito mesmo, seguro é que é na serra dos Martírios, já andara por todas essas bocainas, essas pirambeiras, esse tuaiá todo, o imenso dele, essas serranias que vem de todas as direções, sem fronteiras, sem limites.[14]

O percurso até chegar a "Terra de Figueira Mãe", é um momento de travessia, os doze personagens vivem na inquietude tendo a morte como a certeza concreta, mas na esperança de conquistarem a terra prometida.

> E eles, haviam partido irremediavelmente para o país dos ex-vivos, há muito e nem se lembravam mais? Era essa a mais favorável impressão de tudo: a morte, somente a morte, de onde eles olhavam através de dois buracos abertos no crânio: os olhos. Estavam mortos? A morte, como a estrela guia, os guiava. E um rio de esquecimento grassava das regiões mais profundas sobre eles.[15]



Os protagonistas ao mesmo tempo em que buscam um lugar tranquilo, de justiça e bem-estar vivem em contradição com seus desejos, pois são assassinos, sem piedade "porque o homem que espera se vingar espera justiça. Os que dizem que a vingança é um elo de outro elo que leva a uma cadeia que faz tremer as bases da vida, não sabem o que é a justiça."[16]

A expansão capitalista não apenas transformou as relações de trabalho, mas também a vida das pessoas. Segundo o historiador britânico Eric Hobsbawn, o discurso da expansão capitalista consistia em dois vieses: além de difundir o processo de industrialização, de distribuição material, era apresentado também um discurso de felicidade, bem-estar, inclusão e progresso material. Capitalismo que estimula o autodesenvolvimento de todos sendo usados até a exaustão e quando não há mais utilidade é reprimido e substituído por outro.

---

14 Idem. p.49.

15 Idem. p.419.

16 Idem. p.274-275.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Grande parte dos artistas e intelectuais considerados de esquerda durante a ditadura militar faz uma crítica ao capitalismo e todo seu discurso modernizador que detém o controle do tempo e do trabalho. Assim, podemos dizer que a crítica da modernidade que Guilherme Dicke, provém do homem do campo, a margem da sociedade capitalista. Segundo Juliano Carvalho:

> Dicke traça um painel das tensões sociais e intelectuais da década de 60 do século XX após o golpe de 64, discutindo a questão da liberdade, da legitimidade do estado como opressor, a crise das elites desse período, através da articulação de várias formas literárias e toda uma erudição sobre arte e história ocidental, na forma do romance justamente para atingir a maior variedade de atores sociais desse período, buscando sempre nessa síntese uma força expressiva e simbólica que transcendesse os conflitos do momento, essa complexidade de linguagem e estrutura, tornam este livro um acontecimento importante para quem quer compreender não apenas a mecânica dos grandes fatos, mas as ansiedades, esperanças, e desejos, a subjetividade daqueles, que como o autor, tinham um projeto, uma visão de mundo diferente daquilo que era proposto pelo "golpe de 64".[17]



Ao final da primeira metade do século XIX, a sociedade capitalista constitui umas das suas principais características: a vida urbana. Aos poucos estes parâmetros foram introduzidos em núcleos além do eixo industrializado europeu.

Nesse processo, para Mato Grosso, o progresso significava uma forma de comunicação rápida, e a alternativa mais viável era a livre navegação do Prata. Entretanto, esta rota era bloqueada pelo governo do Paraguai.

Em 1857, Mato Grosso tinha pouco a oferecer ao mercado internacional, e o seu grande objetivo estava mais relacionado a comunicação e importação. Para as autoridades que fixaram em Cuiabá, a reação era de espanto, pois a cidade era muito distante dos padrões de cidade "civilizada".

A liberação do Prata, significou o início do desenvolvimento, pois permitiu uma comunicação rápida, migração de trabalhadores europeus, a exploração da poaia, construção da estrada de ferro, desenvolvimento do comércio e viabilizaram a expansão da agricultura do café .

---

17 CARVALHO, Juliano. Do Sertão ao litoral: a trajetória do escritor Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livro "Deus de Caim" na década de 1960. Dissertação de mestrado apresentado na Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.p.112.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Assim, o estímulo do desenvolvimento de Mato Grosso está além das ações dos presidentes das províncias. O fim da guerra do Paraguai significou o início do processo de modernização, sendo que, o símbolo deste sonho era a construção de uma estrada de ferro que ligasse a província a Corte, mas a construção só veio no século XX.

Os projetos políticos de ocupação a partir dos programas de integração nacional do Governo de Getúlio Vargas, em busca por terras produtivas trouxe para Mato Grosso melhorias nos meios de comunicação e transporte impulsionando um grande desenvolvimento econômico para o Estado. Contudo, este avanço ocasionou muitos conflitos de terra, pois a posse de grandes latifúndios significou a ruína e o esquecimento dos pequenos proprietários engolidos pelos grandes proprietários de terras.

Os personagens de Ricardo Guilherme Dicke fazem parte de dois universos dicotômicos, um espaço de transição entre o céu/inferno, o atrasado e o moderno, bem/mal. Apresenta a questão da opressão do poder agrário, mas fomentados pela crença no misticismo em que no final tudo dará certo.



Pensando na sua produção, os protagonistas são provenientes da massa marginalizada resultante do avanço do capitalismo. Massa que tornou – se mão-de-obra para o grande capital. Faz-se uma imagem tanto positiva quanto negativa do estrangeiro, de acordo com a relação que se têm com ele. A visão negativa está associada a de explorador, dominador e a positiva é do progresso, avanço.

Segundo Gilvone Miguel os romances de Ricardo Dicke há uma inevitabilidade mítica de ficcionalizar a realidade sem se perder da história, transita entre o mito e a realidade. Guilherme Dicke recria e adapta as temáticas do passado dando novas formas, releituras na literatura atual, permitindo pelo processo de "mitocrítica" desvendar os conteúdos do imaginário simbólico do homem mato-grossense.

No romance *Madona dos Páramos*, há uma nova representação de Mato Grosso, com personagens em aflição constante, tendo como o mito, o imaginário a sustentação de sua luta. A composição do enredo remete-nos a Bíblia, o povo de Israel em busca da terra prometida a Abraão.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> A ação do romance se condensa na viagem pelo sertão, espécie de *peregrinação* acentuada pelas *provações* vitais, quando, então a convivência dos opostos converge para a grande embate da vida e da morte, num contexto em que a *purificação* e o *pecado* atordoam o homem como nos tempos primordiais. O tempo cronológico é abolido e a ciclicidade, própria do mito, reenvia aqueles homens ao desejo de reviver o *in illo tempore*, o atemporal dos primórdios, quando Deus criou o universo e o homem colocando-o no jardim do éden, no paraíso. Assim é que a imagem da figueira-mãe é sustentada pelo desejo de alcançar, no sertão mato-grossense, o lugar paradisíaco, em busca do qual o grupo empreende a viagem/ peregrinação/travessia. [18]

A literatura de Guilherme Dicke não se encaixa na produção tradicionalista de ufanismo à terra e de valorização das paisagens, e criação de personagens para representar uma coletividade reforçando estereótipos. Ele não se afirma apenas como mato-grossense nem como universal.

> Ele revela, com sua obra, questões de identidade cultural vinculadas as relações de poder (editoriais, acadêmicas, políticas, culturais, entre outras) e opta por mirar o poder pelo olhar do marginal, do excluído, "contra todas as elites do mundo". Seu nome está posto no jogo entre o local e o nacional, entre o esquecimento e o cânone, entre a vocação para ícone regional e o voo no céu das grandes mistérios inapreensíveis.[19]



Assim, podemos dizer, que mesmo as personagens da obra *Madona dos Páramos* não terem existido na vida real, contribui para termos uma melhor compreensão de como o processo de modernização refletiu para os diferentes sujeitos. Como são muitos personagens, os acontecimentos acabam sendo pluridimensionais, cada um dos foragidos possui uma história, que são narradas simultaneamente.

Para concluir, os personagens partem para o interior em busca da felicidade e tranquilidade, mas simultaneamente a partir dos desafios enfrentados, tomam consciência do vazio interior e da morte como a única certeza. A crítica de Guilherme Dicke faz presente na revolta que os personagens fazem saqueando as fazendas de donos estrangeiros e da fuga do mundo urbano para um lugar em que a modernidade, o capitalismo ainda não chegou. Assim, percebemos que o conceito de modernidade é

---

18 MACHADO, Madalena; MAQUÊA VERA (orgs). Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes. In: MIGUEL, Gilvone Furtado. **Mito e ficção: a imagem do paraíso nos romances de Ricardo Guilherme Dicke.** Cáceres -MT: editora Unemat, 2009. p.131.

19 Ibid., p. 164.

ISBN: 978-85-98711-10-2

ambivalente nem sempre é sinônimo de progresso e inclusão, mas também de destruição, exclusão e transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Everton. **A transculturação na narrativa de Ricardo Guilherme Dicke.** Cuiabá: UFMT, 2006. 124 pag. Dissertação (mestrado) Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.15.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CHARTIER Roger. **Debate literatura e história.** Rio de Janeiro, Topoi, nº 1, p. 197-216.

CARVALHO, Juliano. **Do Sertão ao litoral: a trajetória do escritor Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livo "Deus de Caim" na década de 1960.** Dissertação de mestrado apresentado na Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos Páramos**. Cuiabá-MT: Carlini& Caniato; Cathedral Publicações, 2008.

HOBSBAWM, Eric. A era do capital 1848-1875, trad., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.52.

LENHARO, Alcir. **Crise e Mudança na Frente Oeste da Colonização.** Cuiabá. UFMT, imprensa da universidade. Proedi, 1982, p.11.

MARSON, Adalberto. **Reflexões sobre o procedimento histórico**. *In:* SILVA, M. A. da (org.). *Repensando a história*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. p.37-64.

MACHADO, MADALENA. **A representação do homem no Último Horizonte.** p.3. Disponível em: <http://www2.unemat.br/literaturamt/revista-ale/docs/primeiro/Arepresentacaodohomem.pdf> acesso 10/03/2012.

MACHADO, Madalena; MAQUÊA VERA (orgs). *Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes.* Cáceres -MT: editora Unemat, 2009. p.127-149.

MATTOSO, José. **A Escrita da História Teoria e Métodos.** Lisboa: Editorial Real Estampa, 1997, 212 p.

MENDONÇA, Carlos Costa de; ALVES Gabriela Santos. **Da alegria e da angústia de**

ISBN: 978-85-98711-10-2

**diluir fronteiras: o diálogo entre a história e literatura.** p.3 Disponível em:< http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/index.php?view=article&catid=56%3Aartigos-ed4&id=115%3Adaalegriaedaangustiaed4&tmpl=component&print=1&page=&option=com_content&Itemid=77> Acesso em 01/05/2012.

MIGUEL, Gilvone. **Criação e imagem no romance de Ricardo Guilherme Dicke.** p.73 Disponível em: < http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/324.pdf> Acesso em 01/05/2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história.** p.2 Disponível em: < http://nuevomundo.revues.org/index1560.html__> acesso em 21/04/2012.

_____. **O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke.** Tese de doutorado apresentado na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

THOMPSON, E.P. "Intervalo: a Lógica Histórica." In: **A Miséria da Teoria, ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.p.47-62.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do Sertão vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. São Paulo: editora Marco Zero; Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **História Nacional, História Regional.** Curitiba: Estudos Brasileiros, 1977.p.30.

ZECHILINSKI, Beatriz Polidori. **História e Literatura: questões interdisciplinares.** p.8.Disponívelem:<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_09_beatriz_zechlinski.pdf> Acesso em: 22/04/2012.